



**EMMA GOLDMAN:  
UMA VOZ PARA AS MULHERES?**

***DONNA FARMER***

**Danças das Idéias  
2025**

# **Emma Goldman: Uma voz para as mulheres?**

**Donna Farmer**

Danças das Ideias  
2025

**Edição original:**

Emma Goldman: A Voice for Women?

Donna Farmer

1993

Fonte: Retrieved on 25 July 2022 from

<https://zabalazabooks.net/1936/07/19/biographies/>

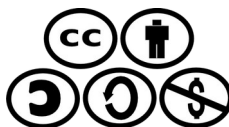
Notes: Some minor edits have been made to the text, for clarity.

Publicação: Zabalaza Books, 2017



tradução livre por Dança das Idéias  
revisão Fenikso Nigra  
diagramação Barricada Libertária  
Campinas/SP-Brasil, 2025

<https://anarkio.net>  
e-mail: [lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)



## Emma Goldman: Uma voz para as mulheres?

Introdução	05
Antecedentes russos	07
Antecedentes americanos	10
Anarquismo	12
Anarquismo de Emma Goldman	15
Condições das mulheres nos EUA	21
Feminismo nos EUA	26
Feminismo de Emma Goldman	30
Conclusão	41
Bibliografia	42
Notas	44

*"A Mãe Liberdade acaricia com afeições generosas... [aqueles] que, armados com as armas da honestidade elevada... compreenderam que a liberdade de cada um está enraizada na liberdade de todos..."*

- Emma Goldman para  
Cronaca Sovversiva,  
1º de junho de 1903

## Introdução

Emma Goldman definiu o anarquismo como 'a filosofia de uma nova ordem social baseada na liberdade irrestrita por leis feitas pelo homem; a teoria de que todas as formas de governo se baseiam na violência e são, portanto, erradas e prejudiciais, bem como desnecessárias'. [1] A visão de Goldman abrangia uma ideia de liberdade sexual e pessoal, bem como revolução social, mas como ela era principalmente uma anarquista - dedicando toda a sua vida a essa causa - seu feminismo [2] foi negligenciado, tanto em seus próprios tempos quanto nos últimos tempos. Sua rejeição à campanha pelo sufrágio feminino e sua amarga oposição às doutrinas de pureza social que inspiraram muitas reformistas feministas a levaram a rejeitar o rótulo de feminista e levaram muitas feministas a denunciá-la como uma 'inimiga da liberdade das mulheres' e uma 'mulher dos homens'. Este trabalho tentará mostrar que ela tinha algo de valor a dizer às mulheres e que, à sua maneira, ela não era apenas uma feminista, mas uma das mais radicais de seu tempo.

O fato de Goldman ser uma ativista em vez de uma teórica sistemática apresenta um problema para qualquer discussão de suas ideias; tentei mostrar, no entanto, que ela tinha ideias particulares. Para explicar a evolução de suas ideias, senti que era essencial passar algum tempo discutindo o contexto em que suas ideias foram formadas, pelo motivo declarado acima, mas também

porque, diferentemente de outras feministas, a luta de Goldman pela igualdade para as mulheres era secundária à sua luta pela igualdade para todos.

A primeira parte deste trabalho discute as primeiras influências que trabalharam em sua consciência e a tornaram uma rebelde; inclui uma discussão sobre o clima intelectual nas sociedades em que ela viveu (Rússia e EUA) e discute as condições dos trabalhadores nessas sociedades - às quais ela reagiu tão fortemente. A segunda parte discute as condições das mulheres nos EUA: seus problemas, as reações das feministas, como Emma Goldman abordou a situação e as respostas que ela deu.

## Antecedentes russos

Emma Goldman nasceu em uma família judia na província russa de Kovno em 29 de junho de 1869. Em suas memórias [3], ela descreve como viu na sociedade ao seu redor os efeitos desmoralizantes da autoridade imprevisível: esposas e filhos espancados, camponeses chicoteados, judeus rejeitados, regras feitas e quebradas por capricho dos responsáveis.

Não havia refúgio para ela em sua vida familiar; seu pai despótico, "o pesadelo da minha infância" [4], a destacou como o objeto de suas frequentes fúrias, garantindo assim que desde o início seu desenvolvimento fosse "em grande parte em revolta" [5]. Em 1882, a família mudou-se para São Petersburgo. Em um ano, ela diz, "isso mudou meu próprio ser e todo o curso da minha vida". [6] Este foi o ano seguinte ao assassinato do czar Alexandre II, que foi o clímax de várias décadas de crescente atividade radical dirigida contra a autocracia czarista. O czar foi assassinado por membros da organização terrorista 'Narodnaya Volya' (A Vontade do Povo) que faziam parte do movimento socialista conhecido como populismo.

O populismo surgiu pela primeira vez como uma resposta às revoluções europeias de 1848 e foi fortalecido pelas crescentes contradições entre a industrialização em desenvolvimento da Rússia e a expansão da intelligentsia, por um lado, e a extrema pobreza das massas, por outro. Toda a riqueza e o poder da Rússia estavam concentrados nas mãos de uma pequena nobreza rural, que vivia de uma vasta população explorada de camponeses analfabetos e empobrecidos. Sobre esse império de miséria presidia o czar, cujo governo absoluto era apoiado por uma poderosa polícia secreta, uma enorme burocracia e a Igreja Ortodoxa Russa.

Em repulsa à crescente pobreza e injustiça ao seu redor, intelectuais como Alexander Herzen e Nikolai Chernyshevski - nutridos pelo pensamento radical da Europa Ocidental - começaram a desenvolver uma versão

especificamente russa do socialismo. Eles acreditavam que os camponeses russos eram inerentemente socialistas em espírito e argumentavam que a Rússia poderia contornar o capitalismo na marcha em direção ao socialismo se apenas as instituições escravizadoras pudessem ser destruídas.

O que eles pediam era um socialismo agrário descentralizado. Isso deveria ser organizado em torno da tradicional comuna camponesa autônoma e autogovernada com propriedade coletiva de terras, fábricas e oficinas. Eles também pediam educação e sufrágio universais; liberdade completa de expressão e imprensa; igualdade sexual; e um governo constitucional democraticamente eleito com alta autonomia regional. [7]

Começando por enfatizar a autoeducação em círculos de discussão e grupos de estudo vagamente organizados, os populistas se moveram em direção a formas mais organizadas de agitação e trabalho de propaganda entre camponeses e trabalhadores e, finalmente, em direção ao terrorismo conspiratório altamente disciplinado - incluindo a destruição de propriedade e assassinato de funcionários do estado.

O período que se seguiu ao assassinato do czar foi de represálias selvagens e repressão política, mas São Petersburgo era uma cidade de resistência e permaneceu viva com ideais libertários e igualitários. Emma Goldman começou a ler os panfletos e romances proibidos que circulavam entre os amigos estudantes de sua irmã e a lamentar os revolucionários - a maioria dos quais havia sido presa, exilada na Sibéria ou executada. [8] Ela começou a questionar cada vez mais a sociedade em que vivia. As ideias dos populistas influenciaram claramente suas ideias anarquistas posteriores.

É relevante notar a reverência especial que Emma Goldman sentia pelas jovens revolucionárias. Elas "foram minha inspiração desde que li sobre suas vidas pela primeira vez"; ela escreveu mais tarde em suas memórias. [9] A proeminência das mulheres no movimento revolucionário russo foi um fenômeno único dentro do contexto da esquerda europeia do século XIX. O movimento foi talvez o único cenário em que as mulheres foram tratadas como



iguais; a vocação de revolucionária a única que permitiu às mulheres o uso pleno de seus talentos. As mulheres atuaram em todos os níveis do movimento, incluindo a liderança. A ética revolucionária do sacrifício pela causa apelou tanto ao valor tradicional do auto-sacrifício feminino quanto à fome das mulheres por ação, igualdade e compromisso social. [10]

Aos quinze anos, o pai de Emma tentou casá-la, mas ela se rebelou contra sua autoridade, protestando que queria estudar e viajar. A reação de seu pai, de que "as meninas não precisam aprender muito", apenas como "preparar peixe picado, cortar macarrão fino e dar muitos filhos ao homem", [11] inspirou ainda mais sua rebelião, então, quando sua irmã planejou emigrar para a América em 1886, Emma fugiu com ela. Ela foi cheia de imagens da vida dourada de liberdade que encontraria lá - em vez disso, na vida do gueto de Rochester, Nova York, ela encontrou repressão e miséria que pouco diferiam do que ela havia deixado para trás.

## Antecedentes americanos

Os Estados Unidos [12] estavam passando por uma rápida expansão industrial. A ideologia predominante era que tudo o que ajudasse os negócios ajudava o país. Eles estavam operando sob um sistema econômico *laissez-faire*, que apelava à crença americana arraigada na liberdade; os economistas políticos acreditavam que esse sistema promoveria a competição, encorajaria o empreendedorismo empresarial e aumentaria a riqueza nacional.

Essa noção foi fortalecida pelas teorias evolucionistas de Darwin (popularizadas pelo darwinismo social de Herbert Spencer), que implicavam que se era inevitável e correto que o mais apto sobrevivesse na luta da natureza pela existência, então a mesma coisa deveria ser verdadeira na esfera econômica; a livre concorrência sem intervenção governamental permitiria que os negócios mais eficientes sobrevivessem, promovendo assim a economia nacional da maneira mais eficaz. Mas, nesta era de grandes negócios, as consequências do *laissez-faire* claramente não eram do interesse público, especialmente porque o governo negava seus princípios básicos por meio de subsídios, empréstimos e tarifas protecionistas; tendia a matar a competição e, quando o monopólio dominava a cena, a concentração de poder e riqueza nas mãos de poucos aumentava a concentração de poder político, ameaçando a liberdade de muitos.

Como justificativa para essa situação, cultivava-se a ideia de que o poder econômico e político deveria ser concentrado nas mãos de uma minoria privilegiada que não só era rica, mas também boa e sábia. Esse 'Evangelho da Riqueza' [13] pouco pensava em fazendeiros, trabalhadores ou pequenos empresários que eram vítimas de práticas monopolistas.

A posição dos trabalhadores foi transformada pelo crescimento da indústria e pelo uso crescente de máquinas; os trabalhadores em fábricas, moinhos e fundições perderam a independência e a liberdade que os

trabalhadores braçais desfrutavam; eles se tornaram peões indefesos nas mãos de corporações que consideravam o trabalho, como qualquer outra mercadoria, algo a ser comprado o mais barato possível.

## Anarquismo

O problema foi atenuado pelo contínuo aumento da população urbana pelas multidões de imigrantes que estavam chegando ao país em uma taxa cada vez maior. Na década de 1870, esses imigrantes eram em grande parte camponeses do Leste Europeu, cuja chegada aumentou a classe trabalhadora e destruiu o mercado de trabalho; a consequência foi que os empregos se tornaram escassos e os salários diminuíram - outros trabalhadores urbanos sentiram que sua posição econômica estava ameaçada. Foi um período de convulsão, em face da deterioração do status econômico e social; os trabalhadores do país buscaram alguns meios para melhor proteção de seus interesses, enquanto greves, violência trabalhista e agitação rural sublinharam as severas tensões que acompanharam a industrialização e a urbanização.

As propostas de reforma assumiram uma incrível variedade de formas - variando do populismo [14] e socialismo, passando pela coalizão fazendeiro-trabalhador até o imposto único de Henry George [15] e além - enfatizando a confusão que muitas pessoas sentiam em relação às causas e curas para os problemas sociais e econômicos da América.

Nos Estados Unidos, como na maioria dos países industriais da Europa, os radicais escolheram cada vez mais o socialismo por várias razões; sua ideologia reforçou em vez de resistir à tendência à centralização política e econômica, sua dependência de técnicas políticas permitiu a organização e integração em um processo governamental já existente e por causa de sua atitude em relação à tecnologia (que era uma bênção que, em última análise, proporcionaria conforto material a todos os membros da sociedade).

Enquanto a maioria dos americanos, incluindo a maioria dos radicais e reformadores, lutava para chegar a um acordo com as forças tecnológicas e econômicas que haviam transformado a sociedade, os anarquistas

desdenhosamente se recusaram a fazê-lo. Eles levaram ao extremo as dúvidas expressas por outros em termos mais moderados.

Então, o anarquismo surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX como uma resposta entre muitas às deslocções sociais e econômicas que acompanhavam o surgimento de uma sociedade industrial cada vez mais centralizada e urbanizada. O anarquismo, como o socialismo e outros movimentos radicais de reforma, confrontou as questões de conflito entre capital e trabalho, corporativo, centralizaçção, concentraçção de riqueza, criaçção de pobreza em massa e rápida mudançça tecnológica, mas foi separado dos outros movimentos por sua ideologia voluntarista e descentralista.

No cerne da ideologia anarquista estava a rejeiçção de todas as formas de autoridade imposta externamente, especialmente, mas não exclusivamente, como era incorporada no governo. Os anarquistas insistiam no direito de cada indivíduo à liberdade absoluta, limitada apenas pela proibiçção de infringir as liberdades dos outros. Essa crençça unia os anarquistas que não concordavam em nada mais, pois o movimento anarquista, [16] não menos que o movimento socialista, era dividido e dominado por facçções.

Nos Estados Unidos, as duas facçções mais importantes eram os individualistas e os anarquistas comunistas (ou anarcocomunistas). O anarquismo individualista refletia as tradiçções culturais e as circunstâncias econômicas da América. É um resultado do liberalismo clássico e a maioria dos americanos nativos e educados que se tornaram anarquistas escolheram o individualismo. O anarquismo comunista ofereceu maior atraçção aos imigrantes da classe trabalhadora e seus filhos que se sentiam enganados pelas falsas promessas do "sonho americano".

Os individualistas rejeitaram a autoridade governamental e queriam a criaçção de uma sociedade na qual cada pessoa escolheria livremente como viver. Tudo o que eles prescreveram para esta sociedade foi a não interferência na liberdade dos outros e a aceitaçção dos custos e consequências das açções

individuais. O principal desacordo entre os dois grupos foi sobre a questão da propriedade.

Os individualistas aceitaram a noção de propriedade privada, acreditando que o estado era o principal obstáculo à liberdade; os anarquistas comunistas, por outro lado, colocaram a própria propriedade privada no centro de sua análise da opressão social e econômica. Embora ambos os grupos derivassem suas ideias de Proudhon, [17] os anarquistas comunistas também foram influenciados pelas teorias marxistas de conflito de classes.

## Anarquismo de Emma Goldman

Do final do século XIX em diante, Peter Kropotkin foi o principal teórico do anarcocomunismo. No cerne de sua teoria social estava sua crença de que a característica essencial dos seres humanos era seu desejo de cooperar com os outros para garantir as necessidades básicas da vida. [18]

Essa qualidade significava que o indivíduo era essencialmente um ser social que só poderia atingir o desenvolvimento pleno dentro da sociedade, enquanto a sociedade só poderia se beneficiar se seus membros fossem livres. Kropotkin e seus seguidores não viam conflito entre os interesses do indivíduo e os da comunidade; portanto, eles não sentiam necessidade de preservação da propriedade privada e a aboliriam junto com o estado.

Eles queriam, em vez disso, criar um sistema de comunas federadas, mas autônomas, produzindo e compartilhando livremente. Dentro dessas comunas, salários e pagamentos por serviços seriam eliminados junto com a propriedade privada, porque a comunidade proveria igualmente para todos os seus membros.

A mensagem dos anarcocomunistas não agradou aos americanos, e no final do século XIX a menção da palavra "anarquismo" evocou terror na maioria das mentes. Uma fonte dessa resposta foi o atentado de Haymarket em 4 de maio de 1886. Um terrorista desconhecido jogou uma bomba durante uma manifestação trabalhista na Haymarket Square de Chicago.

Um policial foi morto imediatamente e outros seis morreram como resultado do ataque. As autoridades nunca descobriram a identidade da pessoa que jogou a bomba; mas isso não impediu a polícia de indiciar oito homens por assassinato sob a acusação de que eram anarquistas e, portanto, moralmente responsáveis por incitar o terrorismo - mesmo que eles não tenham realizado o ato eles mesmos. Sete dos oito foram condenados à morte; quatro deles foram eventualmente enforcados. Foi lendo sobre os julgamentos

de Haymarket e a consequente execução dos anarquistas que Emma Goldman decidiu se tornar uma revolucionária ativa.

'O anarquismo', diz Goldman, 'representa a libertação da mente humana do domínio da religião, a libertação do corpo humano do domínio da propriedade; a libertação dos grilhões e restrições do governo.' [19] Os anarquistas questionam a validade da própria estrutura da sociedade como ela existe, mas Emma Goldman queria fazer mais do que apenas questionar e teorizar, ela acreditava que a 'propaganda pela ação' era necessária para despertar as pessoas para a ação.

Aos vinte anos, ela se mudou para Nova York e logo estava morando com vários anarquistas nascidos na Rússia, incluindo Alexander Berkman. Depois de apenas seis meses em Nova York, ela partiu em uma bem-sucedida turnê de palestras com o objetivo de "fazer uma revolução". Isso lançou sua carreira como uma das palestrantes mais carismáticas e voláteis da história da oratória americana.

Ela acreditava que se as massas pudessem ser despertadas para a ação por algum evento polarizador, a revolução contra os senhores capitalistas poderia começar. A greve dos metalúrgicos de 1892 em Homestead, Pensilvânia, parecia apresentar a oportunidade certa.

A atenção da nação estava focada na violência da situação em Homestead e Emma e seus camaradas pensaram que isso fornecia o momento perfeito para o "feito supremo" - para propaganda violenta que, por suas teorias anarquistas, despertaria o povo contra seus opressores capitalistas. O plano era assassinar o presidente da empresa Homestead, Henry Clay Frick, assim como os russos haviam assassinado o czar. As tarefas de Goldman eram levantar dinheiro para a arma e explicar o feito ao mundo. O ato foi cometido por Berkman em 23 de julho de 1892 - mas Frick sobreviveu e se recuperou rapidamente.



O mundo não queria ouvir a explicação de Berkman. Os motivos dos anarquistas foram mal compreendidos, desaprovados e repudiados pelos próprios grevistas de Homestead. A ação confundiu as questões da greve e reacendeu um medo nacional do anarquismo. Foi a partir dessa época que a lenda demoníaca de Goldman foi lançada. Ao ser libertada de uma sentença de prisão de um ano por fazer um discurso que supostamente incitou os desempregados de Nova York a se revoltarem (na verdade, não houve revolta), ela se tornou uma celebridade notória: "Red Emma", a inimiga de Deus, da lei, do casamento e do estado.

Os anos seguintes viram Emma Goldman participando de cada crise radical que surgiu, viajando pelo país e falando com dedicação sobre sua visão anarquista. Seu anarquismo não foi formulado de forma sistemática [20], mas desenvolvido em suas palestras, em panfletos, em artigos publicados tanto na imprensa anarquista quanto na comercial e em entrevistas. Seu pensamento, conforme surgiu no final da década de 1890, misturou a teoria do anarco-comunismo de Kropotkin com o individualismo de Stirner, Ibsen e Nietzsche [21] e teve uma forte ênfase na emancipação das mulheres e na liberdade sexual extraída de Chernyshevski, Freud, os radicais sexuais britânicos e a tradição americana do amor livre. Menos interessada na teoria do que na prática, ela usou essas ideias para criticar a sociedade contemporânea e promover métodos de mudança.

A base essencial de sua política era a oposição ao estado. Sua estratégia era a oposição à autoridade centralizada, às grandes organizações, à compulsão legal como o recrutamento e a qualquer forma de censura ou coerção.

Os anarquistas se opunham não apenas às ditaduras e à autoridade governamental repressiva, mas também às formas mais liberais do estado. Goldman, portanto, se opôs à democracia parlamentar (bem como às formas antidemocráticas de governo) com base no fato de que ela subordinava o indivíduo ou a minoria à vontade da maioria. Os indivíduos eram obrigados a delegar a tomada de decisões à vontade da maioria; isso significava que o

poder de decisão era tirado do indivíduo e dado a um representante. Em sua oposição à democracia parlamentar, ela era inflexível, instando ativamente as pessoas a não votar, participar de campanhas eleitorais ou ocupar quaisquer cargos governamentais; ela criticava camaradas que ocasionalmente comprometiam seus princípios para fazer campanha ou votar em candidatos socialistas ou trabalhistas.

Eleições e votação, ela afirmou, davam às pessoas a ilusão de participação política sem a realidade. Eleger radicais para cargos políticos apenas criou uma nova classe de burocratas dentro do movimento radical, sendo o voto 'simplesmente um meio para a transferência dos direitos das pessoas para o controle dos governantes'. [22] Na visão de Goldman, a luta não deve ser travada pela política eleitoral, pois, ela disse, 'ideias corretas devem preceder a ação correta' e, além disso, 'educação e agitação são os meios. Sempre que o povo tiver chegado ao conhecimento dos verdadeiros princípios que governam as relações sociais harmoniosas, eles os colocarão em ação sem as urnas.' [23]

Os anarquistas defendiam a 'ação direta' em vez da 'ação política' - manifestações nas ruas, greves no local de trabalho e a afirmação da vontade dos indivíduos na vida cotidiana. Em vez de organizações de massa ou partidos políticos, Goldman defendia a ação de pequenos grupos autônomos e de indivíduos que tomavam a iniciativa de se opor a leis opressivas e criar instituições alternativas, como escolas radicais, teatros, bibliotecas e cooperativas. Ela defendia ativamente os sindicatos, os instava a se tornarem mais revolucionários em suas demandas e frequentemente falava em apoio aos trabalhadores em greve. 'Ação direta contra a autoridade na loja, ação direta contra a autoridade invasiva e intrometida de nosso próprio código moral, é o método lógico consistente do anarquismo'. [24]

Goldman, como um anarquista comunista, se opôs ao capitalismo, assim como ao estado. Como discutido acima, os socialistas parlamentares argumentaram pela nacionalização dos meios de produção, enquanto os

anarquistas argumentaram pela "socialização"; em outras palavras, a transferência da propriedade privada, não para o estado, mas para os indivíduos que realmente a trabalhavam ou a usavam. Goldman, portanto, se opôs às demandas socialistas e populistas por programas de bem-estar social do estado e pela nacionalização de grandes indústrias - como ferrovias, serviços públicos e bancos - com base no fato de que isso apenas aumentaria o poder do governo.

Como a maioria de seus contemporâneos anarquistas, Goldman era antipática à religião. Ela frequentemente dava palestras sobre o ateísmo e o fracasso do cristianismo, que ela achava que era "admiravelmente adaptado ao treinamento de escravos" e insistia nos males não apenas da igreja, mas da própria crença religiosa. [25] Ela mesma era, no entanto, inspirada por uma paixão profundamente ética e moral. Certa vez, ela comentou: "Não me importo se a teoria de um homem para o amanhã está correta, me importo se seu espírito de hoje está correto"; esse espírito ela definiu não como tentar "enriquecer a nós mesmos às custas dos outros". [26]

Emma Goldman enfatizou que o anarquismo não era apenas "chutar contra tudo - especialmente a propriedade privada", mas que estava comprometido com a "derrubada das instituições existentes que mantêm a raça humana em cativeiro". [27] Também estava comprometido com a construção de uma sociedade livre na qual o potencial de cada indivíduo pudesse atingir sua expressão máxima. Ela aceitou a visão de Kropotkin de que os seres humanos eram "naturalmente" sociais e que não havia conflito inerente entre os instintos individuais e sociais. Sem a dominação de poderosas instituições de autoridade e de "leis feitas pelo homem", as pessoas seriam livres para seguir os ditames da lei natural, que ela definiu como "aquele fator no homem que se afirma livre e espontaneamente sem nenhuma força externa, em harmonia com as exigências da natureza". A remoção de formas artificiais de autoridade não resultaria em caos, mas no surgimento de formas "naturais" de cooperação social e ajuda mútua. [28]

Goldman, como a maioria dos anarquistas, recusou-se a prescrever a futura sociedade anarquista, afirmando apenas que 'Seus arranjos econômicos devem consistir em associações produtivas e distributivas voluntárias, desenvolvendo-se gradualmente em comunismo livre...'. [29] Em contraste com a sociedade atual que roubou do homem 'não apenas os produtos de seu trabalho, mas o poder da livre iniciativa, da originalidade e do interesse ou desejo pelas coisas que ele está fazendo', a sociedade anarquista deixaria o indivíduo livre para fazer um trabalho significativo. O trabalhador se assemelharia ao artista, 'Aquele para quem fazer uma mesa, construir uma casa ou cultivar o solo é o que a pintura é para o artista e a descoberta para o cientista - o resultado da inspiração, do desejo intenso e do profundo interesse no trabalho como uma força criativa'. [30]

À sua visão anarquista - um mundo em que todos seriam livres das tiranias do capitalismo, estado e igreja - Emma Goldman adicionou a tirania do patriarcado. Foi sua insistência em fazer da sexualidade uma preocupação central de sua política que distinguiu o anarquismo de Goldman da maioria de seus contemporâneos, pois enquanto ela via todas essas tiranias como moralmente autossustentáveis, ela deixou claro que a opressão das mulheres era distinta da opressão dos homens, e ela mostrou uma compreensão da pressão e das condições sob as quais as mulheres sofriam de forma única.

## Condições das mulheres nos EUA

Tendo discutido a reação de Emma Goldman à sociedade americana em geral, passaremos agora a analisar a sua reação aos problemas específicos associados às mulheres, começando com uma discussão sobre as mulheres na sociedade americana do século XVIII e início do século XIX. [31]

Negócios e comércio levaram os homens para longe de suas casas, deixando as mulheres sozinhas, isoladas do mundo do comércio. O papel da mulher na família sempre foi seu papel mais importante, mas antes ela dividia o papel com os homens. Nas fazendas coloniais, por exemplo, o trabalho de ambos os sexos era igualmente necessário - homens e mulheres trabalhavam como parceiros. Entre a nova classe média, o lar e a família passaram a ser vistos como separados do mundo do trabalho e do dinheiro.

As mulheres foram afetadas por essa mudança de maneiras significativas. Dentro de suas casas, as mulheres de classe média continuaram a realizar o trabalho tradicional - cozinhar, limpar, fazer roupas e utensílios domésticos, mas isso não era mais considerado "trabalho de verdade", pois, ao contrário dos homens, elas não ganhavam nenhum pagamento por isso. Pela primeira vez na América, surgiu uma classe de mulheres que eram vistas como "sustentadas" por seus maridos. Elas não eram mais parceiras, mas dependentes; o desenvolvimento de uma sociedade industrial mudou a definição do trabalho feminino.

Tirar a importância econômica do lar da classe média não diminuiu, no entanto, a importância do lar e da vida familiar. Ideias sobre o lar e as mulheres e crianças que eram mantidas seguras ali das "crueldades do mercado" passaram a assumir novos níveis de importância emocional. O lar e a família se tornaram o receptáculo emocional para todos os valores e sentimentos sentimentais que os homens da classe média se sentiam cada vez mais inibidos de exibir. Uma esposa passou a simbolizar a "melhor metade" do

marido, incorporando a pureza, a espiritualidade e a bondade que faltavam em sua vida empresarial. Os homens tentavam recuperar o lado terno de suas próprias naturezas por meio das mulheres.

Embora na época poucos tivessem reconhecido a conexão entre as novas definições sexuais e práticas econômicas, a mudança no relacionamento entre os sexos foi percebida por muitos; autores homens e mulheres escreveram longamente sobre o que chamavam de "esfera do homem" e "esfera da mulher"; uma teoria inteira da personalidade humana evoluiu, dois ramos separados da humanidade com características opostas. A ideia de que homens e mulheres eram muito diferentes (que as mulheres eram, por exemplo, dependentes e brandas, enquanto os homens eram independentes e durões) existia na década de 1700 [32], mas era então, em geral, equilibrada por ideias de qualidades que homens e mulheres compartilhavam. [33]

Na década de 1800, atitudes compartilhadas foram amplamente esquecidas; qualidades de mente e caráter eram vistas como aplicáveis a um sexo ou outro e não a ambos, e se fossem, era visto como desvio da norma. Embora essas ideias fossem predominantemente de classe média, elas eram difundidas entre uma classe trabalhadora cada vez mais alfabetizada, e a garota da classe trabalhadora tinha o problema adicional de ser incapaz de aspirar aos novos ideais de feminilidade.

Muitas delas entraram em programas de autoeducação com a esperança de se casar com alguém acima de sua posição e, assim, trocar a prisão do trabalho pela prisão mais confortável do casamento com um homem rico. Junto com a desvalorização do trabalho feminino em casa, houve o fechamento de outras oportunidades econômicas. As mulheres que procuravam trabalho tinham menos opções, pois muitos ofícios agora exigiam treinamento formal, do qual elas eram excluídas. Apenas alguns tipos de trabalho mal pago estavam disponíveis para a maioria das mulheres - serviço doméstico, ensino, costura e operária de fábrica - e nenhum desses empregos fornecia às mulheres status ou um salário decente.

Antes de discutir a situação das mulheres trabalhadoras das classes mais baixas, deve-se fazer referência a uma situação paradoxal. Na virada do século, as invenções que introduziram a máquina de escrever, a caixa registradora e o telefone no mundo dos negócios abriram uma área inteiramente nova de oportunidades de emprego para mulheres educadas, alterando o status daquelas que se tornaram vendedoras, secretárias, datilógrafas e telefonistas.

Essas mulheres independentes não podiam mais ser governadas por regras baseadas na premissa de que o lugar da mulher era em casa e, embora fossem uma pequena minoria, eram consideradas uma ameaça aos costumes, à moral e aos modos de vida em geral. Elas deram suporte às ideias que se desenvolviam no movimento em apoio a direitos civis mais amplos e ao sufrágio feminino. Emma Goldman teria muito a dizer contra essa nova geração de mulheres, um ponto ao qual retornarei abaixo.

O surgimento da economia industrial também criou novas condições para as mulheres trabalhadoras das classes mais baixas. Desde o início da Revolução Industrial, as mulheres eram necessárias para produzir em massa os alimentos que antes produziam para suas famílias.

Em 1900, havia cinco milhões de mulheres assalariadas nos Estados Unidos, constituindo um quinto da força de trabalho total do país. [34] Depois de 1880, com o influxo de imigrantes, o trabalho em fábricas se tornou o segundo tipo de emprego mais comum para mulheres. Elas aceitaram empregos em fábricas que eram listados como "somente mulheres"; esses eram empregos não qualificados pagos pelo sistema de taxa por peça, o que não lhes fornecia um salário digno. As mulheres eram o grupo mais barato de trabalhadoras na força de trabalho. [35]

Em 1885, Emma Goldman trabalhou em uma fábrica de sobretudos em Rochester, Nova York. Ali, ela disse, havia mais "espaço para os cotovelos" do que na fábrica de luvas de São Petersburgo em que ela havia trabalhado, mas o trabalho "era mais difícil e o dia (doze horas) com apenas meia hora para o

almoço parecia interminável. A disciplina de ferro proibia qualquer movimento livre, e a vigilância constante do capataz pesava como uma pedra em meu coração". [36]

Como muitos dos imigrantes judeus, Emma Goldman entrou em contato com os movimentos trabalhistas e socialistas na Rússia e reconheceu os problemas comuns enfrentados pelos trabalhadores nas fábricas russas e americanas. Ela também entendeu os fatores sociais e econômicos que impediam muitas mulheres de se rebelarem contra seu lugar secundário na força de trabalho:

*Mas um número muito pequeno do vasto exército de mulheres trabalhadoras encara o trabalho como uma questão permanente da mesma forma que um homem. Não importa quão decrépito este último, ele foi ensinado a ser independente e autossuficiente... A mulher considera sua posição como 'trabalhadora' transitória, para ser jogada de lado para o primeiro lance. É por isso que é infinitamente mais difícil organizar mulheres do que homens. 'Por que eu deveria me filiar ao sindicato? Vou me casar, ter um lar.' Ela não foi ensinada desde a infância a encarar isso como sua vocação final? [37]*

Embora algumas trabalhadoras buscassem alianças com sindicatos masculinos, sua apatia geral foi aumentada pelo fato de que os homens que lideravam o movimento trabalhista não consideravam as mulheres dignas de organização. Isso se deveu em parte ao fato de que as mulheres se aposentavam quando se casavam (embora para muitas a aposentadoria fosse apenas temporária) e em parte ao fato de que seu trabalho não qualificado era considerado como algo que reduzia seu valor. Outra razão pela qual os homens falharam em apoiar suas contrapartes femininas foi que muitos homens acreditavam que a justiça econômica seria alcançada quando pudessem manter suas filhas e esposas fora das fábricas.

O objetivo era livrar as fábricas das mulheres em vez de melhorar as condições para elas. Outros sindicalistas estavam convencidos de que, como as trabalhadoras recebiam de um terço a metade dos salários dos homens, elas



estavam oferecendo salários mais baixos que os dos homens e ameaçando empregos para os homens.

Os homens socialistas no movimento trabalhista e na esquerda política argumentavam em teoria pela igualdade das mulheres, mas na prática falharam em apoiar as ideias de um movimento especial de mulheres para lutar por essa igualdade, mostrando um conservadorismo contínuo em relação às mulheres. No entanto, no final do século XIX, alguns sindicatos masculinos e organizações de mulheres de classe média começaram a reconhecer os problemas enfrentados pelas mulheres trabalhadoras e, por sua vez, as mulheres trabalhadoras, apoiadas por reformistas e feministas, ganharam força para sustentar iniciativas de organização militante.

## Feminismo nos EUA

Alix Kates Shulman diz que para entender o feminismo de Emma Goldman, precisamos entender que o feminismo não é um monólito. [38] Há, e sempre houve, ela diz, diferentes vertentes da política feminista - questões econômicas, questões de sexo e família, questões legais e constitucionais e centralidade da mulher - essas vertentes "agregam-se em diferentes padrões de sobreposição e exclusão, dependendo do tempo e lugar e dos indivíduos que as abraçam".

Na época de Emma Goldman, as formas de feminismo eram tão diversas quanto são hoje. Havia tendências, incluindo o feminismo burguês, o movimento sindical feminino, o feminismo reformista ou social, o movimento do clube feminino; havia o feminismo que se centrava na pureza social e havia o feminismo radical sobrevivendo de uma época anterior. Então, o feminismo, apesar da tendência de estudiosos posteriores de subsumir todo o movimento na busca pelo sufrágio, era um movimento vasto, complicado e muitas vezes contraditório. [39]

Apesar das contradições, no entanto, alguma teoria era comum a todas as feministas; elas acreditavam que a sociedade americana havia institucionalizado certas desigualdades para as mulheres, que precisavam de um remédio; elas concordavam que as mulheres tinham o direito de participar e influenciar os processos sociais. Além desse acordo, estava o dilema - as mulheres deveriam exercer seu poder enfatizando suas diferenças dos homens ou por sua humanidade comum?

O feminismo do período anterior à guerra civil tinha sido radical. Era composto pela indignação política e pelo fervor moral que alimentavam a ala extrema do movimento antiescravagista. [40] As primeiras feministas repudiaram a noção de obediência conjugal, recusaram-se a permanecer em silêncio em debates públicos, insistiram no acesso a instituições educacionais

e, em 1848, exigiram o direito ao voto. O radicalismo das primeiras feministas decorreu da integração de um reconhecimento da desigualdade inerente à dependência económica com um reexame da relação matrimonial e da insistência de que as mulheres tinham um papel na vida pública.

Um historiador recente [41] disse que a demanda por sufrágio era radical em si mesma porque, 'para as mulheres que lutavam para estender sua esfera além de suas limitações tradicionais, os direitos políticos envolviam uma mudança radical no status das mulheres, sua emergência na vida pública'. Este argumento é convincente para os anos anteriores à guerra, porque as feministas claramente viam o sufrágio como uma fuga de suas esferas restritivas e domésticas, mas, no último quarto do século XIX, a maioria das feministas não via mais o sufrágio como o primeiro passo na libertação das mulheres do lar, e muitas delas se esforçavam para expressar a opinião de que votar nas mulheres não causaria nenhuma perturbação na sociedade.

No final do século XIX, a teoria da superioridade moral feminina era uma verdade aceita na vida pública e privada americana. Do reconhecimento da superioridade feminina à crença de que as mulheres eram necessárias para purificar uma sociedade corrupta foi apenas um pequeno passo. As mulheres usaram a questão da corrupção como sua cunha no mundo dos homens e do poder. Elas declararam que, assim como mantiveram os lares americanos puros, eram necessárias para limpar o mundo em geral.

A "teoria da esfera" deveria ser estendida - as necessidades da sociedade eram grandes demais para permitir que o sexo melhor permanecesse em silêncio. A reforma se tornou o lema das mulheres. As sufragistas exigiam o voto para poderem reformar a América; elas faziam isso proibindo o álcool, acabando com a prostituição, esterilizando criminosos, melhorando as prisões, dando educação física para meninas e meninos, usando a educação sexual como um meio de acabar com o vício, tendo leis de alimentação pura e de centenas de outras maneiras. [42] A maioria das questões com as quais os reformadores se preocupavam eram políticas e econômicas, mas sua percepção

dessas questões era quase sempre moral. Esse zelo pela reforma foi alimentado pelas crenças do darwinismo social sobre a perfectibilidade da sociedade.

Os darwinistas sociais descreviam a sociedade como um organismo em processo de evolução para um estado superior, e as mulheres eram consideradas mais evoluídas do que os homens; isso aumentava o prestígio das mulheres nos movimentos de reforma. Essa afirmação era "comprovada" pela aparente falta de impulsos e desejos sexuais "baixos" e "animais", e acreditava-se que quando a sociedade fosse aperfeiçoada, tanto os homens quanto as mulheres ficariam sem luxúria. Por enquanto, no entanto, cabia às mulheres reformadoras tentar ensinar castidade aos homens. As reformadoras que acreditavam que poderiam acelerar o processo de evolução por meio de suas próprias atividades para melhorar a sociedade viam seu trabalho como passos em direção à perfeição da sociedade humana.

Muitas feministas apoiaram as cruzadas de pureza social que varreram a nação em meados dos anos setenta e periodicamente depois disso, argumentando que se apenas as mulheres pudessem expressar seu senso moral superior nas urnas, elas seriam capazes de aliviar males sociais como embriaguez e prostituição. As sufragistas argumentaram que "o Estado é apenas a família maior, a nação a antiga casa", portanto, ao estender suas funções de nutrição do círculo familiar para a sociedade em geral, as mulheres não abdicariam de seu papel doméstico tradicional. [43]

Então, ao longo do século XIX, o movimento feminista se desenvolveu de um movimento dominado por mulheres que tinham posições extremistas sobre a questão da escravidão e, portanto, achavam o radicalismo agradável, para um que abrangia uma ampla gama de mulheres sem a coerência unificadora de uma tradição radical; tornou-se, portanto, necessariamente, mais conservador. O resultado foi que, no final dos anos 1800, o feminismo convencional - incluindo as organizações de sufrágio, os clubes femininos e grupos de reforma como a Woman's Christian Temperance Union - escolheu explorar a ideia de diferenças inerentes entre mulheres e homens (que, em

razão de seus papéis maternos e reprodutivos, diferiam dos homens intelectual e psicologicamente) como uma justificativa para garantir às mulheres igualdade cívica e legal.

Há um argumento de que durante os últimos anos do século XIX, o movimento organizado pelos direitos das mulheres capitulou a uma "Mística Materna" (como foi discutido anteriormente), mas que isso pode ter sido, em parte, um movimento tático para atrair uma massa de seguidores. [44]

Quer a mudança de ênfase tenha sido ideológica ou tática, o movimento como um todo tornou-se menos radical, menos ameaçador e, portanto, menos provável de efetuar mudanças fundamentais. Emma Goldman e outras anarquistas-feministas se recusaram a aceitar essa solução para o dilema. Elas rejeitaram completamente qualquer noção de diferenças intelectuais ou psicológicas significativas entre os sexos e continuaram a insistir na igualdade absoluta com base na humanidade compartilhada.

Apesar das muitas contradições, podemos ver, refletindo, que há certas maneiras pelas quais o anarquismo e o feminismo têm afinidade. O anarquismo, por definição, e o feminismo radical, como ele evoluiu, são fundamentalmente e profundamente anti-hierárquicos e antiautoritários. Ambos operam por meio de organização social voluntária frouxa de baixo para cima, contando com atividades coletivas de pequenos grupos em vez de grandes partidos políticos e ambos favorecem a ação direta para promover a mudança. [45]

## Feminismo de Emma Goldman

Emma Goldman era uma radical sexual quando se tratava de mulheres ou ela era, como alguns comentaristas (contemporâneos e recentes) diriam, uma conservadora na questão feminina?

Dale Spender sente que Emma Goldman era uma conservadora sem nenhuma compreensão especial dos problemas das mulheres, que só poderia ser classificada como radical dentro de um contexto masculino. 'Para ela, o capitalismo era a fonte da alma da opressão das mulheres, e ela não procurou mais por evidências e não tem necessidade de outras ideias explicativas. [46] Ela continua dizendo que Goldman não admite a experiência coletiva das mulheres em seu quadro de referência, e por isso ela pode aceitar sem questionar as descrições e explicações fornecidas pelos homens para explicar suas circunstâncias sob o capitalismo, e ela assume (com poucas exceções) que é o mesmo para as mulheres e ignorou as questões da opressão das mulheres antes do capitalismo ou em culturas que não são capitalistas. Pretendo mostrar que, embora não explícito, seu pensamento abrangeu essas omissões e que sua luta anarquista contra o capitalismo funcionou para seu feminismo e não contra ele.

A principal condenação de Emma Goldman por feministas, tanto do passado quanto do presente, é sua oposição à campanha pelo sufrágio feminino. As sufragistas buscavam o voto para empoderar as mulheres, mas, como observamos acima, elas queriam fazer isso aumentando seu poder de dentro da instituição tradicional do casamento. Elas tendiam a ser um movimento predominantemente de classe média e conservador e, para Goldman, cuja vida inteira esteve envolvida na luta dos trabalhadores, tal movimento era suspeito. Como uma anarquista que se opunha ao governo em todas as formas, seja eleita ou não, que considerava que todo governo

corrompe e que o estado é um grande agente de opressão, Goldman via a luta pelo voto como um desvio da luta real das mulheres:

*Não me oponho ao sufrágio feminino com base no argumento convencional de que a mulher não é igual a ele. Não vejo razão física, psicológica ou mental para que as mulheres não tenham o mesmo direito de votar que o homem. Mas isso não pode me cegar para a noção absurda de que a mulher realizará aquilo em que o homem falhou. [47]*

Ela argumentou contra o sufrágio por razões de classe, em bases anarquistas, mas também em bases de interesse das mulheres. Ela via todo o movimento de pureza social, desde os Temperance Unions e o Prohibition Party até as anti-sexual Purity Leagues (a maioria das quais eram aliadas ao movimento pelo sufrágio), como inimigas da liberdade das mulheres. Contra a noção avançada em apoio ao sufrágio - que as mulheres purificariam a política se tivessem direito ao voto - Goldman escreveu: 'Supor que [a mulher] teria sucesso em purificar algo que não é suscetível de purificação é creditá-la com poderes sobrenaturais'. [48] O voto seria, na melhor das hipóteses, irrelevante para as mulheres:

*O desenvolvimento [da mulher], sua liberdade, sua independência deve vir através dela mesma. Primeiro, afirmando-se como uma personalidade, e não como uma mercadoria sexual. Segundo, recusando o direito de qualquer pessoa sobre seu corpo; recusando-se a ter filhos, a menos que ela os queira; recusando-se a ser uma serva de Deus, do estado, da sociedade, do marido, da família etc. Tornando sua vida mais simples, mas mais profunda e rica. Ou seja, tentando aprender o significado e a substância da vida em todas as suas complexidades, libertando-se do medo da opinião pública e da condenação pública. Somente isso, e não o voto, libertará as mulheres. [49]*

Embora reconhecendo que algumas mulheres queriam o voto para libertar o seu sexo da escravidão da igreja, do estado e do lar, a maioria das sufragistas, argumentou ela, queria o voto para "torná-la uma melhor cristã, dona de casa e cidadã do estado... os mesmos deuses que as mulheres têm servido desde tempos imemoriais". [50]

Para Goldman, a luta pelo voto era um desvio da luta real; as esperanças das mulheres estavam sendo corrompidas pelo inimigo do governo. Como aqueles que a criticaram apontaram, sua estimativa das consequências práticas do voto e sua hostilidade ao governo a cegaram para o argumento dos direitos naturais em favor do sufrágio; mas sua oposição ativa ao sufrágio não era antifeminista ou antimulher, era baseada no desejo de ver as mulheres livres. [51] Emma Goldman achava que as mulheres deveriam trabalhar (com os homens) para criar uma sociedade anarquista; a reestruturação da sociedade como um todo deveria incluir a transcendência dos preceitos sociais e morais individuais para permitir que as mulheres criassem para si mesmas vidas independentes, produtivas e significativas.

Anarquistas-feministas foram além de questionar a estrutura do estado e questionaram a estrutura da família patriarcal. Goldman e outras anarquistas-feministas, seguindo o caminho de seus predecessores radicais, estavam sondando relacionamentos sexuais e familiares para ver até que ponto o relacionamento familiar pode ser desigual. Elas sondaram a questão do gênero e descobriram que, no caso da mulher, o que é chamado de natural é ditado por qualquer estrutura social e econômica que um teórico favoreça e é definido como o que se adequa às funções prescritas das mulheres naquela sociedade. [52]

Para Emma Goldman, questões sexuais e reprodutivas estavam no cerne da posição inferior das mulheres na sociedade; ela reconheceu que fatores sócio-sexuais como repressão, assim como fatores econômicos, trabalhavam para oprimir as mulheres. Considerar a família como uma instituição natural e necessária pode levar à definição das mulheres por suas funções sexuais, procriativas e de criação de filhos dentro dela. Isso pode levar à prescrição de um código de moralidade e concepção de direitos para as mulheres distintamente diferente daqueles prescritos para os homens (como vimos dentro do movimento sufragista).



A suposição da necessidade da família leva os teóricos a considerar as diferenças biológicas como implicando todas as outras diferenças convencionais e institucionais nos papéis sexuais, que a família exigiu. Como resultado disso, o papel restrito das mulheres foi considerado ditado por sua própria natureza, e onde os filósofos discutiram explicitamente as mulheres, eles frequentemente não estenderam a elas suas várias concepções da natureza humana; eles não apenas atribuíram às mulheres um papel distinto, mas as definiram separadamente e frequentemente em contraste com os homens. [53] Goldman reconheceu isso e insistiu que a subordinação feminina estava enraizada num sistema obsoleto de relações sexuais e familiares que precisava ser derrubado. A "moralidade puritana", o casamento, a maternidade forçada e a natureza da família patriarcal eram a causa da vida restrita das mulheres.

Goldman abraçou o radicalismo sexual do controle de natalidade, do amor livre [54] e da maternidade livre. Para ela, a autonomia pessoal era um componente essencial da igualdade sexual que os direitos políticos e legais não podiam por si mesmos engendrar. Os "tiranos internos" frustravam e mutilavam as mulheres mais do que os fatores legais e econômicos:

*É a moralidade que condena a mulher à posição de celibatária, prostituta ou criadora imprudente e incessante de crianças sem esperança... A religião e a moralidade são um chicote muito melhor para manter as pessoas em submissão do que até mesmo o porrete ou a arma.* [55]

O primeiro passo para a igualdade das mulheres, na visão de Goldman, era a independência econômica, psicológica e sexual dos homens e das instituições dominadas pelos homens. Isso se baseava em sua crença na semelhança essencial entre homens e mulheres. (Ela acreditava que, embora existam diferenças individuais entre as pessoas, as diferenças intelectuais e psicológicas não são baseadas no gênero e, portanto, as mulheres tinham o direito a um papel na vida pública.) Ela sentia que quase todos os homens que

ela já conhecera tentavam inibir suas atividades como inadequadas ao seu sexo e a tratavam como uma 'mera mulher' [56] :

*Em nenhum lugar a mulher é tratada de acordo com os méritos de seu trabalho, mas sim como um sexo. Portanto, é quase inevitável que ela pague por seu direito de existir, de manter uma posição em qualquer linha, com favores sexuais. Assim, é apenas uma questão de grau se ela se vende a um homem, dentro ou fora do casamento, ou a muitos homens. [57]*

Ela via a instituição do casamento como algo que conduzia ao tratamento desprezível das mulheres, até mesmo como prostituição legal: [58]

A instituição do casamento torna a mulher uma parasita e absolutamente dependente. Ela a incapacita para a luta da vida, aniquila sua consciência social, paralisa sua imaginação e então impõe sua graciosa proteção, que é na realidade uma armadilha... o casamento prepara a mulher para a vida de... uma serva dependente e indefesa, enquanto fornece ao homem o direito de hipoteca sobre outra vida humana. [59]

O casamento, para Goldman, é uma força a ser submetida em prol da opinião pública; é hipócrita e nada a ver com amor. O amor deve ser a força vinculativa dos relacionamentos. 'O casamento é principalmente um arranjo econômico, um pacto de seguro', no qual toda mulher paga com seu respeito próprio, 'sua própria vida até que a morte a separe'. O homem, no entanto, paga apenas de forma econômica. [60] Ela foi repelida pelo fato de que as mulheres se casam pela razão prática de segurança financeira e não por amor. 'Amor livre? Como se o amor fosse algo além de livre!' O amor em liberdade, ela disse, pode se dar 'sem reservas, abundantemente, completamente'. Todos os tribunais 'não podem arrancá-lo do solo uma vez que ele tenha criado raízes, se, no entanto, o solo é estéril, como o casamento pode fazê-lo dar frutos?' [61] O amor, como tudo o mais, é contaminado pela institucionalização. Ela não negou que pode haver casamentos amorosos, mas disse que, no caso do amor real, o casamento é supérfluo. Ela acreditava apenas no 'casamento de afeição'. 'Se duas pessoas se importam uma com a outra', então 'elas têm o direito de

viver juntas enquanto esse amor existir. Quando ele morre, que imoralidade básica é para elas ainda se manterem juntas'. [62]

Ela passou a definir 'a questão do sexo' [63] como 'a própria base do bem-estar ou do mal da raça' e pediu discussões públicas para superar a 'conspiração do silêncio' [64] Ela deu palestras sobre 'Casamento', 'A Nova Mulher', 'Amor Livre' e 'Problemas Sexuais'; explicando que 'o ato sexual é simplesmente a execução de certas funções naturais do corpo humano, tão naturais, tão saudáveis e tão necessárias quando exercidas temperadamente, quanto as funções do estômago, do cérebro, dos músculos etc.' [65] Cada indivíduo deve ser o único determinante de seu comportamento sexual. Se uma mulher fosse monogâmica ou 'varietista', não era problema de ninguém além dela; se era aceitável que os homens fossem varietistas, certamente uma mulher tinha o mesmo direito. Em palestras sobre 'Sexo, o Grande Elemento da Arte Criativa', ela enfatizou o poder do impulso sexual sobre todos os aspectos da vida e argumentou que a repressão sexual prejudicava a saúde e também inibia a criatividade intelectual e artística. [66] A ideia anarquista básica de 'não invasão' também foi estendida por Goldman para a defesa da homossexualidade; [67] ela argumentou que qualquer ato praticado voluntariamente por duas pessoas não era vício. 'O que geralmente é condenado às pressas por indivíduos irrefletidos, como homossexualidade, masturbação, etc.', ela aconselhou, 'deve ser considerado de um ponto de vista científico e não de uma forma moralizante.' [68]

Como as mulheres eram as que mais sofriam com valores sexuais repressivos, 'a questão do sexo' era enfaticamente uma questão feminina. Para Goldman, a libertação das mulheres não podia esperar até depois da revolução ou ser subsumida em lutas políticas maiores; mulheres livres eram essenciais para o sucesso do movimento radical e, além disso, a libertação sexual das mulheres era parte integrante de sua emancipação como seres humanos totalmente desenvolvidos. 'Exijo a independência da mulher, seu direito de se sustentar; de viver como quiser. Exijo liberdade para ambos os sexos,

liberdade de ação, liberdade no amor e liberdade na maternidade'. [69] Embora possamos considerar sua discussão sobre a libertação sexual como romântica (ela ignora, por exemplo, as maneiras pelas quais o 'amor livre' era frequentemente usado pelos homens para racionalizar a exploração sexual das mulheres), ela foi muito mais longe do que a maioria dos radicais em sua compreensão da política do sexo.

Goldman idealiza o amor, e também — dando combustível às suas críticas feministas — a maternidade. '...A maternidade é a mais alta realização da natureza da mulher', e 'o privilégio mais glorioso'. [70] O amor e a maternidade são apresentados como as características positivas da existência das mulheres, e parece paradoxal ouvir uma 'feminista' invocá-los. A emancipação das mulheres estava, ela sentia, corroendo a capacidade das mulheres de amar e ser mães; estava levando as mulheres pelo caminho errado para a liberdade:

*A emancipação, tal como é entendida pela maioria dos seus adeptos, é um âmbito demasiado estreito para permitir o amor e o êxtase ilimitados contidos na emoção profunda de uma verdadeira mulher, namorada, mãe em liberdade. [71]*

Ela criticava as feministas modernas por se preocuparem meramente com 'tirantias externas' como a negação do voto ou a falta de emprego, enquanto os 'tiranos internos' das convenções éticas e sociais - que são mais prejudiciais à vida e ao crescimento - eram ignorados.

Ela tinha pena das mulheres emancipadas, profissionais e de classe média; elas eram independentes, mas pagavam por isso 'pela supressão da mola mestra de sua própria natureza', pois 'o medo da opinião pública as roubava do amor e da camaradagem íntima. Era patético ver o quão solitárias elas eram e como ansiavam por filhos'. [72] Dale Spender critica fortemente Goldman neste ponto. [73] Ela não pode aceitar o argumento de Goldman de que a mulher "emancipada" deve ser digna de pena e precisa ser "emancipada da emancipação", porque, embora tenha "trouxo à mulher igualdade

económica com os homens" (uma afirmação que Spender salienta que teria sido contestada não menos rigorosamente na viragem do século do que agora), esta "independência altamente elogiada é, afinal, apenas um lento processo de embotamento e mudança da natureza da mulher, do seu instinto maternal". [74]

Spender conclui que Goldman vê a emancipação mais como uma tragédia do que o casamento tradicional, mas acho que ela não consegue entender o anarquismo de Goldman. Embora seja estranho ouvir um anarquista invocando o "culto da verdadeira feminilidade" e apresentando-o como um resultado desejado e inevitável da revolução anarquista, [75] Goldman queria que a nova sociedade anarquista fosse uma onde as mulheres (e os homens) seriam livres para dar rédea solta a todos os seus instintos naturais. [76] Ela estava tentando dizer que a emancipação na sociedade existente não permitia a individualidade e a liberdade de cada pessoa de fazer e ser o que escolhesse sem negar a pessoa "interior". Dizer que ser amada, ou ser mãe, é sinónimo de ser escrava ou subordinada é, ela disse, ridículo. [77]

A crítica mais severa de Spender a Emma Goldman é que ela coloca alguma culpa nas próprias mulheres por sua posição. Spender diz que ninguém jamais sugeriu que é fácil ou sem penalidades viver como uma mulher independente em uma sociedade dominada por homens, mas que as dificuldades são infligidas por homens, que geralmente não gostam de tal independência nas mulheres e querem coagi-las de volta ao "rebanho do amor pelos homens e expressão do instinto maternal" e que muitas mulheres independentes acharam os problemas que enfrentaram intransponíveis.

O "problema" de Goldman era que ela era uma espécie de "supermulher" e, como Alix Kates Shulman aponta [78] , o impacto da supermulher em mulheres de menor realização é sempre duplo. Enquanto ela se destaca como um exemplo importante para os outros do que é possível alcançar, para mulheres comuns, atoladas na vida cotidiana, o modelo pode servir como uma repreensão, fazendo-a questionar sua capacidade.

Goldman - anarquista e individualista - estava preocupada não apenas em mudar as estruturas sociais, mas também em viver seus princípios (na verdade, ela estava preparada para ir para a cadeia por eles), e às vezes ficava impaciente com mulheres que não conseguiam seguir seu exemplo. Ela exortava as pessoas não apenas a se organizarem para resistir à autoridade, mas também a mudarem seus modos como indivíduos. O individualismo associado ao anarquismo enfatiza a vontade, criando um problema em que uma falha na mudança pode ser vista como uma falha da vontade individual:

É bem verdade que todos nós sofremos sob os fardos de arranjos sociais iníquos, sob coerção e cegueira moral. Mas não somos indivíduos conscientes, cujo objetivo é trazer verdade e justiça aos assuntos humanos? A teoria de que o homem é um produto de condições levou apenas à indiferença e a uma aquiescência lenta nessas condições, mas todos sabem que a adaptação a um modo de vida doentio e injusto apenas fortalece ambos, enquanto o homem, a chamada coroa de toda a criação, equipado com uma capacidade de pensar e ver e, acima de tudo, de empregar seus poderes de iniciativa, fica cada vez mais fraco, mais passivo, mais fatalista. [ 79] Assim, Goldman às vezes pode ser visto culpando não apenas as mulheres [80] , mas também os homens e até mesmo os trabalhadores por sua opressão.

É verdade dizer que Goldman nem sempre se identifica com as mulheres em sua luta, especialmente as mulheres de classe média e, dada sua grande hostilidade ao casamento, as esposas. Seus escritos mostram uma mistura de compreensão e culpa:

*Não importa se o marido é um bruto ou um querido... o casamento garante à mulher um lar somente pela graça do marido. Lá, ela se move em sua casa ano após ano, até que seu aspecto da vida e dos assuntos humanos se torne tão plano, estreito e monótono quanto seu entorno. Não é de se admirar que ela se torne uma chata, mesquinha, briguenta, fofoqueira, insuportável, expulsando assim o homem de casa... a vida de casada, a entrega completa de todas as faculdades, incapacita completamente a mulher média para o mundo exterior. Ela se torna imprudente em sua aparência, desajeitada em seus movimentos, dependente em suas*

*decisões, covarde em seu julgamento, um peso e uma chatice, que a maioria dos homens passa a odiar e desprezar. [81]*

Mas às vezes ela parece simpatizar com a situação das esposas e das mulheres emancipadas:

*Foi provado conclusivamente que a antiga relação matrimonial restringia as mulheres à função de servas do homem e portadoras de seus filhos. E, no entanto, encontramos muitas mulheres emancipadas que preferem o casamento, com todas as suas deficiências, à estreiteza de uma vida de solteira: estreita e insuportável por causa das correntes do preconceito moral e social que restringem e prendem sua natureza. [82]*

Em outras ocasiões, ela parecia dizer que se você sofre no casamento, deixe seu marido e seja livre; se você sofre de ciúmes, pare de ver a outra pessoa como sua propriedade; e se como uma mulher emancipada você está sozinha, saia e pratique o amor livre. Junto com sua posição sobre o sufrágio, essa atitude chocou e enfureceu muitas feministas (nem simpatia nem hostilidade à situação das mulheres casadas estavam implícitas na doutrina anarquista).

Se Goldman era impaciente com mulheres de classe média e casadas, ela se identificava com as necessidades e desejos das mulheres da classe trabalhadora que ela ajudou a organizar. Como organizadora sindical, ela insistia que as mulheres deveriam ganhar dinheiro suficiente para poderem ser mais do que meras escravas e desfrutar de algum prazer na vida. "Uma suposta independência que leva apenas a ganhar a mais mera subsistência não é tão atraente, nem tão ideal que se possa esperar que as mulheres sacrifiquem tudo por ela". [83] As mulheres precisavam de flores, livros, visitas ao teatro e amor romântico.

Ela identificou na prostituta um paradigma da posição subordinada da mulher na sociedade:

*A sociedade não tem uma palavra de condenação para o homem, enquanto nenhuma lei é monstruosa demais para ser colocada em movimento contra a vítima indefesa. Ela não é*

*apenas caçada por aqueles que a usam, mas também está absolutamente à mercê de cada policial e detetive miserável na ronda, ... as autoridades em cada prisão. [84]*

Embora Goldman não fosse mais a favor da prostituição do que do casamento, ela se identificava com as prostitutas por causa de sua classe, e porque elas desafiavam a hipocrisia sexual do puritanismo como ela. Ela não as culpava, mas entendia sua situação. O fato de ela não conseguir se identificar facilmente com esposas de classe média era menos uma falha de seu feminismo, ou mesmo uma função do anarquismo, do que uma falha de imaginação. [85]

A principal briga de Goldman com suas contemporâneas era que ela se recusava a ver as mulheres como inerentemente diferentes intelectualmente dos homens e, portanto, nem melhores nem piores do que eles. Ela argumentava que se o egoísmo, a vaidade e a força masculina operavam para escravizar as mulheres, era em parte porque as próprias mulheres idealizavam essas qualidades e criavam um sistema autopetificante; quando as mulheres mudavam sua consciência, quebravam esse círculo e se libertavam de tais ideais inadequados, elas poderiam 'incidentalmente também ajudar os homens a se tornarem livres'. [86]

A verdadeira emancipação não começa nem nas urnas nem nos tribunais, ela começa na alma das mulheres. A história nos diz que cada classe oprimida obteve a verdadeira libertação de seus senhores por meio de seus próprios esforços. É necessário que a mulher aprenda com essa lição, que ela perceba que sua liberdade chegará até onde seu poder de alcançar sua liberdade alcançar. [87]



## Conclusão

A vida de Emma Goldman foi uma batalha pela liberdade para ambos os sexos, bem como pelo fim da "escravidão industrial". Ela estava quase sozinha entre os radicais imigrantes na resistência a uma interpretação estritamente econômica da injustiça social e na ênfase em questões culturais, psicológicas e sexuais. Durante uma época em que a maioria dos demais, anarquistas e socialistas, argumentava que a emancipação das mulheres ocorreria automaticamente com a derrota do capitalismo, Goldman insistiu (como as feministas sempre fizeram) que as questões femininas deveriam ser abordadas imediatamente e não deixadas para um futuro hipotético. Numa época em que muitos radicais ansiavam pelo fortalecimento dos papéis tradicionais após a revolução, ela insistiu que a institucionalização do amor e da maternidade era parte da estrutura que aprisionava as mulheres e deveria ser radicalmente revisada. [88] Goldman pode ter falhado em alcançar sua visão anarquista, mas ela teve sucesso em dar uma dimensão feminista ao anarquismo e uma dimensão libertária ao conceito de emancipação feminina.

Emma Goldman tinha uma mensagem para as mulheres que ainda é relevante hoje. Ela nos disse para olhar além das limitações e limites artificiais que a sociedade colocou ao nosso redor. Ao estender a ênfase anarquista na vontade individual para as mulheres, ela estava nos dizendo que temos tanto o direito quanto o poder de tomar nossa própria fixação em nossas próprias mãos, tanto individual quanto coletivamente. Ela não pregou um feminismo de extremos - de separatismo que odeia homens ou negação do valor da maternidade; uma compreensão de Goldman não nos diz para nos divorciarmos de nossos maridos ou praticar o amor livre, mas pode nos levar a uma consciência de nós mesmas como indivíduos com o direito de fazer nossas próprias escolhas. Pode ser que as mulheres, por sua própria vontade, façam escolhas diferentes dos homens, mas nunca podemos saber disso

enquanto estivermos cercadas por tradições e convenções. A essência do feminismo de Emma Goldman é que devemos nos livrar dos grilhões dessas tradições e convenções e nos considerarmos seres humanos cujo valor é igual ao dos homens:

*Como o maior infortúnio da mulher foi ser vista como anjo ou demônio, sua verdadeira salvação está em ser colocada na Terra; ou seja, ser considerada humana. [89]*

## **Bibliografia**

### **Obras de Emma Goldman**

Anarquismo e outros ensaios , Dover Publications, Nova York, 1969.

Vivendo minha vida , volumes I e II, Dover Publications, Nova York, 1970.

Red Emma Speaks: Selected Writings and Speeches de Emma Goldman, compilado e editado por Alix Kates Shulman, Random House, Nova York, 1972.

### **Trabalhos sobre Emma Goldman**

Drinnon, Richard Rebel in Paradise , University of Chicago Press, Chicago, 1961. Shulman, Alix Kates, 'Emma Goldman: Anarchist Queen' em Feminist Theorists , editado por Dale Spender, The Woman's Press, Londres, 1983.

Wexler, Alice, 'Emma Goldman sobre Mary Wollstonecraft' em Estudos Feministas , Vol.7, pp.113-133, 1981.

Wexler, Alice, Emma Goldman: Uma vida íntima , Virago, Londres, 1984.

### **Outras fontes**

Carrol, Peter N. e Noble, David W., Os livres e os não livres: uma nova história dos Estados Unidos , Penguin, Harmondsworth, 1977.

Dulles, Foster Rhea, Os Estados Unidos desde 1865 , University of Michigan Press, Nova York, 1978.

Hymowitz, Carol e Weissman, Michael, Uma história das mulheres na América , Bantam Books, Nova York, 1978.

Marsh, Margaret, Mulheres anarquistas 1870-1920 , Temple University Press, EUA, 1981.

Miller, David, Anarquismo , Dent, Londres, 1984.

Português Okin, Susan Moller, Mulheres no pensamento político ocidental , Virago, Londres, 1980. Renda H, Jane, As origens do feminismo moderno: mulheres na Grã-Bretanha, França e Estados Unidos 1780-1860 , Macmillan, Hampshire, 1985.

Spender, Dale, Mulheres de Ideias , Ark, Londres, 1984.

Woodcock, George, Anarquismo , Penguin, Harmondsworth, 1963.

## Notas

[1] Emma Goldman 'Anarquismo: O que ele realmente representa' em Anarquismo e outros ensaios , p.50.

[2] De acordo com o suplemento de 1933 do Oxford English Dictionary, o primeiro uso registrado do termo "feminista" em inglês (derivado da palavra francesa feminisme) foi em 1894. Veja Jane Rendall, The Origins of Modern Feminism , p.1.

[3] Vivendo minha vida .

[4] Emma Goldman, Vivendo minha vida , p.59.

[5] 'Valeu a pena viver a minha vida?' em Red Emma Speaks: Selected Writings and Speeches de Emma Goldman , editado por Alix Kates Shulman, p.394.

[6] Frank Harris, Emma Goldman, a famosa anarquista , p.228, citado por Alice Wexler em Emma Goldman: Uma vida íntima , p.19.

[7] Esta informação é de Alice Wexler, Emma Goldman: An Intimate Life , p.24.

[8] Em Living My Life , p.27-28, Goldman diz: "Algo misterioso despertou compaixão por eles em mim. Chorei amargamente por seu destino", Wexler aponta, ibid. p.23, que Goldman chamou os populistas de "niilistas", embora tecnicamente o niilismo se referisse a um elemento dentro do movimento populista mais amplo - os rebeldes das décadas de 1850 e 1860 - para quem o elemento da revolta pessoal era primordial, distinto daqueles que eram principalmente radicais políticos e sociais.

[9] Emma Goldman, Vivendo minha vida , p.12.

[10] Ver Wexler, ibid., p.27.

[11] Emma Goldman, *Vivendo minha vida* , p.12.

[12] Informações básicas sobre os EUA de Peter N. Carrol e David W. Noble, *The Free and the Unfree: A New History of the United States* e Foster Rhea Dulles, *The United States since 1865* .

[13] Houve um esforço para desenvolver um 'Evangelho da Riqueza' entre aqueles que se encontravam no seletto grupo dos ricos, dos bons e dos sábios. Isso significava que os ricos deveriam ser os curadores dos pobres e distribuir parte de seu dinheiro por meio da filantropia pública. Mas uma teoria que buscava justificar um sistema que na verdade aumentava o abismo entre ricos e pobres, substituindo a caridade por uma divisão mais equitativa da renda, despertou críticas e ressentimentos.

[14] O objetivo do populismo nos EUA era afirmar os direitos das classes produtoras em toda a nação, obter reparação por suas queixas e quebrar o domínio do capitalismo monopolista sobre a vida econômica da nação. Havia um braço político chamado 'Partido do Povo'.

[15] George, que rejeitou completamente o darwinismo social, acreditava que os problemas criados pelo fato de a concentração de riqueza estar nas mãos de poucos decorriam de um sistema de propriedade da terra que permitia aos proprietários lucrar com o crescente valor social da terra sem necessariamente fazerem algo para melhorá-la. Eles não tinham direito a esse incremento imerecido, ele argumentou, e ele deveria ser devolvido às pessoas cuja presença na comunidade havia sido responsável pelo aumento do valor da terra. Isso deveria ser feito por meio de um "imposto único" sobre a terra. Ele estava convencido de que isso minimizaria a diferença entre pobres e ricos, tornaria todos os outros impostos desnecessários e marcaria o início de uma nova era de ouro.

[16] Informações sobre anarquismo de David Miller, *Anarchism* , George Woodcock, *Anarchism* , Margaret Marsh, *Anarchist Women 1870-1920* , e fontes primárias.

[17] Pierre-Joseph Proudhon, frequentemente chamado de "pai do anarquismo", propôs um sistema econômico, o "mutualismo", que reconciliava o individualismo e o comunismo.

[18] A teoria de "ajuda mútua" de Kropotkin foi sua tentativa de combater as teorias dos darwinistas sociais com uma teoria evolucionista que negava que a "sobrevivência do mais apto" fosse uma luta de indivíduos e enfatizava a necessidade de socialização para a sobrevivência.

[19] Emma Goldman, 'Anarquismo' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.62.

[20] Ver Alice Wexler, *Emma Goldman: Uma vida íntima* , p.50.

[21] Ela admirava o indivíduo forte, heróico e não conformista. Ela própria era capaz de tiradas nietzschianas contra a "ralé" e o "rebanho comum", o que às vezes parecia minar sua defesa do trabalho.

[22] Emma Goldman, *Free Society* , 5 de junho de 1898, citado por Alice Wexler, *Emma Goldman: An Intimate Life* , p.91.

[23] Emma Goldman, *Free Society* , 15 de maio de 1898, *Ibid.*

[24] Emma Goldman, 'Anarquismo' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.72.

[25] Emma Goldman, 'O fracasso da Igreja', em *Red Emma Speaks* , p.187.

[26] Emma Goldman, *Mother Earth* , dezembro de 1907, p.44, citado por Alice Wexler, *Emma Goldman: An Intimate Life* , p.92.

[27] Palestra Emma Goldman, fevereiro de 1908, arquivo 52416-43 Departamento de Trabalho dos EUA, Serviço de Imigração e Naturalização, citado por Wexler, *ibid*.

[28] Emma Goldman, 'Anarquismo' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.58.

[29] *Ibidem*, pág. 56.

[30] *Ibidem*, pp.55-56.

[31] Informações para esta análise de Carol Hymowitz e Michaela Weissman, *A History of Women in America* e Peter N. Carol e David W. Noble, *The Free and the Unfree: A New History of the United States and The United States since 1865* .

[32] Expresso de forma muito eloquente por Jean-Jacques Rousseau no Livro Quinto do *Emílio* (1762).

[33] Para uma discussão sobre a mudança de atitudes em relação às mulheres nessa época, ver Jane Rendall, *The Origins of Modern Feminism* .

[34] Números citados de Hymowitz e Weissman, *A History of Women in America* , p.234.

[35] *Ibid*. p.239. Estudos sobre mulheres trabalhadoras no final do século XIX e início do século XX mostram que as mulheres recebiam entre metade e um terço dos salários dos homens trabalhadores.

[36] *Vivendo minha vida* , p.16.

[37] 'Casamento e Amor' em *Anarquismo e outros Ensaio*s , p.233.



[38] Em 'Emma Goldman: Anarchist Queen', *Feminist Theories* , editado por Dale Spender.

[39] Informações sobre o feminismo nos EUA em Margaret Marsh, *Anarchist Women 1870-1920* , Jane Rendall, *The Origins of Modern Feminism* , e Hymowitz e Weissman, *A History of Women in America* .

[40] Os abolicionistas usaram o argumento dos "direitos naturais" e alegaram que se a liberdade fosse um direito do homem e dado por Deus, então aqueles que a negassem negavam a lei de Deus. A mistura de política e religião trouxe o debate à atenção das mulheres que tiveram o acesso negado à arena política. A participação das mulheres no movimento antiescravagista preparou-as para lutar pelos seus próprios direitos. Como Mary Wollstonecraft tinha compreendido na sua *Vindication of the Rights of Woman* (1791), o argumento dos direitos naturais era uma ideologia feminista pronta.

[41] Richard Sennett, *Families Against the City* (Nova Iorque, 1974), p.116, citado por Margaret Marsh, *Anarchist Women 1870-1920* , p.47.

[42] Hymowitz e Weissman, *Uma História das Mulheres na América* , p.219.

[43] Margaret Marsh, *Mulheres anarquistas 1870-1920* , p.48.

[44] *Ibidem*.

[45] Ponto levantado por Alix Kates Shulman em 'Emma Goldman's Feminism: A Reappraisal', introdução a *Red Emma Speaks* , p.17.

[46] Dale Spender, *Mulheres de Ideias* , p.17.

[47] Emma Goldman, 'Sufrágio Feminino', em *Anarquismo e outros Ensaios* , p.198.

[48] Emma Goldman, 'Sufrágio Feminino', em *Anarquismo e outros Ensaios* , p.198.

[49] *Ibidem*.

[50] *Ibidem*.

[51] A sua previsão de quão pouco o voto beneficiaria as mulheres revelou-se correcta.

[52] Para uma discussão sobre anarquistas-feministas nos EUA, veja Margaret Marsh, *Anarchist Women 1870-1920* .

[53] Estes pontos são levantados por Susan Moller Okin, *Women in Western Political Thought* .

[54] Por "Amor Livre" entende-se o amor em liberdade e não uma licença para o sexo. Os defensores do amor livre expressaram a crença de que ele não levaria à promiscuidade, mas a um aprofundamento da união entre as pessoas que se reúnem sem a contaminação da institucionalização e da tradição.

[55] Emma Goldman, 'Vítimas da Moralidade' em *Anarquismo e outros Ensaios* , p.171.

[56] Emma Goldman, *Vivendo minha vida* , p.215.

[57] Emma Goldman, 'O tráfico de mulheres' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.171.

[58] Tal como muitas feministas antes dela, nomeadamente Mary Wollstonecraft em *Vindication of the Rights of Woman* (1791).

[59] Emma Goldman, 'Casamento e Amor' em Anarquismo e outros ensaios , p.235.

[60] Emma Goldman, 'Casamento e Amor' em Anarquismo e outros ensaios , p.228.

[61] Ibidem, pág. 236.

[62] New York World, 17 de setembro de 1893, citado por Alice Wexler, Emma Goldman: An Intimate Life , p.93.

[63] A discussão a seguir baseia-se em Wexler, pois não tive acesso aos artigos relevantes.

[64] Free Society , 13 de agosto de 1899, Alice Wexler, Emma Goldman: An Intimate Life , p.94.

[65] Ibidem.

[66] Emma Goldman 'O elemento do sexo na vida' no Michigan Daily , 17 de março de 1912, Alice Wexler, Emma Goldman: Uma vida íntima , p.94.

[67] Gostaria de salientar aqui que Dale Spender diz ( Women of Ideas , p.504) que Goldman nem sequer questiona a heterossexualidade. Embora ela não a questione por si mesma, ela deixa claro que vê a sexualidade como uma escolha individual, e não tem nenhum preconceito moral a favor da heterossexualidade - como visto tanto nestas citações como em Living My Life pp.665-6.

[68] Lúcido , 23 de março de 1901, Alice Wexler, Emma Goldman: Uma vida íntima , p.94.

[69] The Firebrand , 19 de julho de 1897, Emma Goldman: An Intimate Life , p.94.

[70] Emma Goldman , 'Casamento e Amor' em Anarquismo e outros Ensaios , p.235.

[71] Emma Goldman: 'A tragédia da emancipação das mulheres' em Anarquismo e outros ensaios , p.217.

[72] Emma Goldman, Vivendo minha vida , p.371.

[73] Dale Spender, Mulheres de Ideias , p.504.

[74] Emma Goldman, 'A tragédia da emancipação das mulheres' em Anarquismo e outros ensaios , p.224.

[75] Dale Spender, Mulheres de Ideias , p.504.

[76] Lembrando que Goldman, como Kropotkin, assumiu que a humanidade era inerentemente boa e pensou que a remoção de restrições artificiais permitiria que essa "bondade" viesse à tona. Instintos de um tipo que não seriam benéficos para a sociedade de outros indivíduos, portanto, não seriam considerados um problema que provavelmente surgiria.

[77] Emma Goldman, 'A tragédia da emancipação das mulheres' em Anarquismo e outros ensaios , p.224.

[78] Dale Spender, Mulheres de Ideias , p.505.

[79] Em 'Feminismo de Emma Goldman: uma reavaliação', introdução a Red Emma Speaks .

[80] Emma Goldman, 'Ciúme: Causas e uma possível cura' em *Red Emma Speaks* , p.220.

[81] O mesmo fez Mary Wollstonecraft na Reivindicação dos Direitos da Mulher . Ela sentiu que convinha às mulheres casadas da classe média permanecerem cegas às realidades da sua situação.

[82] Emma Goldman, 'Casamento e Amor' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.234.

[83] Emma Goldman, 'A tragédia da emancipação das mulheres' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.221.

[84] *Ibidem*, pp.216-7.

[85] Emma Goldman, 'O tráfico de mulheres' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.188.

[86] Ponto levantado por Alix Kates Shulman em 'Emma Goldman's Feminism: A Reappraisal', *Red Emma Speaks* , p.16.

[87] *Ver Vivendo Minha Vida* , pp.556-7.

[88] Emma Goldman, 'A tragédia da emancipação das mulheres' em *Anarquismo e outros ensaios* , p.224.

[89] Nas fileiras anarquistas, Kropotkin, por exemplo, negligenciou mencionar os problemas específicos das mulheres e Proudhon (embora não fosse contemporâneo) tinha uma clara tendência à misoginia.